

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – CAMPUS IV, LITORAL NORTE
CCAIE – CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE ANTROPOLOGIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**GRAFFITI – A EMOÇÃO EXPRESSA EM TINTAS: ETNOGRAFIA DOS
MURAI DE GRAFFITI NO CENTRO URBANO DA CIDADE DE
GUARABIRA - PB**

ACSSA PRICILLA GUIMARÃES SOARES

RIO TINTO – PB

2022

**GRAFFITI – A EMOÇÃO EXPRESSA EM TINTAS: ETNOGRAFIA DOS
MURAIIS DE GRAFFITI NO CENTRO URBANO DA CIDADE DE
GUARABIRA - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Antropologia.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Lara Amorim

RIO TINTO – PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

nbspg Soares, Acssa Pricilla Guimaraes.

Graffiti ? a emoção expressa em tintas: etnografia dos murais de graffiti no centro urbano da cidade de Guarabira- PB / Acssa Pricilla Guimaraes Soares. - Rio Tinto, 2022.

45 f. : il.

Orientação: Lara Amorim.

TCC (Graduação) - UFPB/Rio Tinto.

1. graffiti. 2. arte. 3. antropologia urbana. I. Amorim, Lara. II. Título.

UFPB/CAE

CDU 7.02

ACSSA PRICILLA GUIMARÃES SOARES

**GRAFFITI – A EMOÇÃO EXPRESSA EM TINTAS: ETNOGRAFIA DOS
MURAIIS DE GRAFFITI NO CENTRO URBANO DA CIDADE DE
GUARABIRA - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Antropologia da Universidade Federal da
Paraíba – Campus IV, como requisito
parcial para obtenção de título de Bacharel
em Antropologia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dra. Lara Amorim (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV



Prof. Dr. Marcus Aurélio Paz Tella (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba



Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (Examinadora)
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho a todos os que se esforçaram por seus próprios méritos, e especialmente aos que gosto, tenho afeto, admiração e carinho, vocês são as minhas maiores paixões. Para todos os outros, aqueles que possuem línguas ferinas, mentes atrofiadas e egos inflados, danem-se!

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, principalmente meus pais, pela paciência e entendimento nesse processo de criação, ao meu irmão Álefe, que me escoltou em algumas etnografias, ao meu irmão Álec, por ir comigo a campo me dando uma força com sua curiosidade, aos meus amigos, pelo encorajamento de não jogar tudo para o alto e desistir, em especial Rayane Granjeiro, por me acompanhar em algumas aventuras etnográficas

Agradeço imensamente a minha orientadora Lara Amorim, pela extrema paciência nos tempos difíceis, cruéis e estranhos para a criação desta pesquisa. Ela sabe que todas as dificuldades enfrentadas podem ter produzido algo minimamente aceitável.

Agradeço à Leo Porto, por sua disponibilidade e gentileza em me atender, por sua paciência comigo e a sua esposa Idênia, pela imensa simpatia.

Agradeço também aos professores que me ajudaram a chegar no fim dessa jornada com suas orientações e conselhos.

RESUMO

O Presente trabalho analisa o Graffiti no centro urbano da cidade de Guarabira, no estado da Paraíba, região nordeste do Brasil. Seu objetivo é evidenciar o graffiti como uma arte urbana que expressa subjetividade. Através de pesquisa bibliográfica, fotografias e entrevistas, foi realizado um levantamento da percepção subjetiva de alguns grafiteiros em relação a sua afinidade com o graffiti e de como a arte de/na rua desempenha um movimento artístico social, político e cultural. Pretende-se entender como o conceito clássico de arte influencia o preconceito acerca do entendimento do graffiti como arte, e com isso, o sentimento de abandono de políticas públicas culturais voltadas à prática do graffiti com o fim de embelezamento da cidade. A pesquisa foi feita à luz da antropologia urbana e da antropologia da arte como disciplinas orientadoras do entendimento da relação social da arte como objeto de produção cultural de determinados grupos sociais.

Palavras-Chaves: graffiti, arte e subjetividade, antropologia urbana

ABSTRACT

The present work analyzes Graffiti in the urban center of the city of Guarabira, in the state of Paraíba, northeast region of Brazil. Its objective is to highlight graffiti as an urban art that expresses subjectivity. Through bibliographic research, photographs and interviews, a survey was carried out of the subjective perception of some graffiti artists in relation to their affinity with graffiti and how street art plays a social, political and cultural artistic movement. It is intended to understand how the classic concept of art influences the prejudice about the understanding of graffiti as art, and with that, the feeling of abandonment of cultural public policies aimed at the practice of graffiti in order to beautify the city. The research was carried out in the light of urban anthropology and the anthropology of art as guiding disciplines for understanding the social relationship of art as an object of cultural production of certain social groups.

Keywords: graffiti, art and subjectivity, urban Anthropology

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – “Coreto na praça João Pessoa” - foto: Acssa Pricilla.– Página 14
- Figura 2 – “Segundo coreto na praça João Pessoa” - foto: Acssa Pricilla. – Página 15
- Figura 3 – “Mural encontrado na praça João Pessoa na cidade de Guarabira na paraíba.” Obra de Alan rodrigo - foto: Acssa Pricilla. – Página 15
- Figura 4 – “Léo Porto, Kiko e Tatá no estúdio Porto Tatroo” - foto: Acssa Pricilla. – Página 26
- Figura – Imagens do trajeto mostrando o ponto de partida, na rua Santa Amaral até a entrada na rua de ligação. – Foto: google maps. – Página 33
- Figura 6 –Imagens do trajeto mostrando parte da rua prefeito Manoel Lordão. – Foto: google maps. – Página 34
- Figura 7 – Imagens do trajeto mostrando parte da rua prefeito Manoel Lordão, Margarida Maria Alves e da rua Sabiniano Maia. – Foto: google maps – Página 34
- Figura 8 – “Lateral do teatro municipal Geraldo Alverga”. Foto: Acssa Pricilla. – Página 35
- Figura 10 – “Beco do graffiti” localizado na rua Sabiniano maia foto: Acssa Pricilla. – Página 39
- Figura 11 – “Beco do graffiti lateral direita foto: Acssa Pricilla. – Página 40
- Figura 12 – frei Damião foto: Acssa Pricilla. – Página 40
- Figura 13 – Trem na antiga estação foto: Acssa Pricilla Guimarães Soares. – Página 41
- Figura 14 – Subida da rua Margarida Maria Alves foto: Acssa Pricilla– Página 43
- Figura 15 – Beco do graffiti “moça da entrada” foto Acssa Pricilla. – Página 44
- Figura 17 – Beco do graffiti “a porta de jogos” foto: Acssa Pricilla. – Página 46
- Figura 18 – Beco do graffiti "fiz com meu filho essa aí" foto: Acssa Pricilla. – Página 46

SUMÁRIO

Introdução	14
Cap. 01 — A diferença entre Beleza e Arte	14
Cap. 02 — Perambulando na cidade com a câmera a mão: em busca de documentos	18
CAP. 03 — “É uma abertura de várias janelas e portas...”	32
Transcrição de entrevista feita no dia 18 de junho as 14:20	38
Considerações Finais	46
Referências	48

1. INTRODUÇÃO

Em algumas caminhadas pelo centro urbano e comercial de Guarabira - PB, andanças essas em busca de Pokémon¹, um jogo de realidade semi-virtual que impele seus jogadores a saírem no mundo real caçando os Pokémon utilizando o telefone como ferramenta de caça e captura dos animais fictícios, juntamente com meus irmãos, nos encontrávamos com um grupo de pessoas, alguns dias eram apenas seis ou sete, em dias de evento chegávamos a um grupo de quinze pessoas e em dias de eventos especiais estávamos lá, vinte a trinta pessoas, munidos com seus telefones, nos policiando para o caso de ocorrerem problemas com a marginalidade, cada vez mais crescente na cidade. Migrando em grupos de um ponto a outro do centro da cidade em buscas das criaturinhas inexistentes fora do ciberespaço do telefone.

Geralmente o ponto de encontro dessa turma, que se reunia religiosamente todos os finais de semana ao fim da tarde, antes da pandemia do Covid - 19, era a praça João Pessoa, localizada no centro de Guarabira em frente ao prédio dos Correios e ao lado dos prédios da Prefeitura Municipal de Guarabira e da Câmara de Vereadores. Ali, naquela praça, junto com meus amigos, meus irmãos e uns outros conhecidos, entre uma captura e outra, observava os arredores, verificava se tudo corria bem e apreciava, em um deslocamento ou outro, já que o jogo nos compele a caminhar. Percebi um belo painel que foi pintado em um dos coretos, existem dois, duas estruturas de concreto e aço, com o chão de cimento queimado, sem paredes, com o teto com vigas abertas como um pergolado de madeira, aquelas vistas em vinhedos italianos, em reality's sobre reformas de casa.



Figura 1- Coreto na praça João Pessoa - Foto: Acssa Pricilla.

Pois bem, na praça em questão existem dois e um deles era usado como palco de apresentações para bandas de músicas de rock alternativo da cidade, como um local

¹ Observa-se que a palavra "Pokémon" é a junção do termo *Pocket Monster*, logo não possui plural, sendo comumente chamado apenas de "Pokémon" no singular ou plural.

para manobras de skate ou até mesmo para o que mais me chamou atenção, um belo painel de Graffiti.

Enquanto estava lá sentada, em um calor horrível, às onze horas da manhã de um sábado ou de um domingo, caçando meus Pokémon no pergolado irmão e alinhado quase de frente do outro, no outro lado da praça, observava aquele belíssimo mural, preto com uma menina escorada em seu grande cão, usava óculos, e tinha um violão na mão, uma frase “Aqui a Arte acontece!” e de fato acontecia, amigos meus já haviam tocado ali. Eu lembro de ter pensando “Que legal!” e fui lá, deixei de



Figura 2 – Segundo Coreto na Praça João Pessoa - Foto: Acssa Pricilla.

jogar por um tempo e tirei uma foto péssima e depois voltei no mesmo local com uma câmera melhor, enquadrei e tirei a foto do painel.



Figura 3 – Mural encontrado na Praça João Pessoa na cidade de Guarabira na Paraíba de Alan Rodrigo - Foto: Acssa Pricilla.

Fiquei tão encantada que cortei a foto, como podem ver acima, apenas para focar no mural, não me preocupei muito com a estética do pergolado de concreto, eu queria aquele mural e essa foto foi por muito tempo minha grande paixão, como também meu questionamento. Perguntei-me, olhando aquela foto, porque não haviam mais murais como aqueles espalhados na cidade, no estilo Graffiti, já que tínhamos uma infinidade de praças construídas em praticamente todos os bairros.

Curiosamente a cidade tem um grande movimento artístico, principalmente de Arte Naif, inclusive contando com um Museu de Arte Naif e sediando o festival internacional de Arte Naif, que vai para seu terceiro ano de festival. Mas continuava minha dúvida, porque nunca antes foi feito um festival de Graffiti por aqui, por que não existem mais Graffitis pela cidade? Será que eles não têm espaço para tal? Foram muitos questionamentos e uma dúvida que sempre me deixou pensativa.

Outras questões que permeiam minha mente iam de encontro com o que fazia com que eu tivesse esse sentimento, o de querer saber certas coisas, de querer entender certos mecanismos sociais. Falo aqui de mecanismos sociais, mas refiro-me aos poderes públicos e grupos sociais dominantes. Estes grupos sociais e políticos, geralmente pertencentes a uma classe social financeiramente mais abastada, evidenciam seu poder exercendo um tipo de coerção social de controle da produção cultural e validação do que é ou não aceitável culturalmente. Geralmente a produção cultural artística da região segue parâmetros e proporção estética acrescidos de uma base de aceitação estética do Belo europeu, daquilo que o homem branco, de confortável classe social e econômica consome e, portanto, aceita como Arte.

Observar estas mudanças estéticas existentes na cidade é, também, considerar que existe um conflito geracional do que é considerado Arte e o que é feito pelo graffiti, já que o mesmo ainda é considerado uma produção artística à margem da sociedade. Considero que tal distinção, a do que é ou deixa de ser Arte, parte de um conceito preconcebido e revalorizado, durante gerações, da concepção da Arte como uma produção inteiramente ligada à estética e o ideal de belo europeu, marcado pelo Renascimento Cultural e revalidado ao longo da história como “verdadeira Arte”. A vida urbana nas cidades interioranas ainda considera Arte aquela que se vincula as galerias, as que passam por um processo de valorização midiática e aquelas que seguem padrões estéticos preestabelecidos. Esse juízo de valor nega ao Graffiti o seu *locus* cultural.

Uma das dificuldades de se fazer uma pesquisa antropológica no meio urbano se dá, impreterivelmente, por sua possível similaridade com objetos ou fenômenos que são estudados pela sociologia. Além disso, existe ainda a proximidade do pesquisador com o local da pesquisa que pode, de alguma maneira, embotar seus sentidos de julgamento à cerca daquilo que foi sua escolha do objeto de pesquisa.

Para essa discussão, tentei me aprofundar em diversas leituras e utilizei os trabalhos de DIÓGENES (1995), EAGLETON (1993), GITAHY (1999), LAYTON (1991) e NUNES (2017) para buscar compreender a Arte e suas características. O que define o ideal de beleza em nossa sociedade? Quais são as premissas criadas e utilizadas por nossa sociedade para definir o que é ou não Arte? E dentro destas definições, percebi que não entendia com profundidade o que era a Arte Urbana que eu queria falar, estudar. Então tive que buscar em outros autores tais respostas, que acabaram se tornando mais questionamentos acerca do que a Arte, enquanto movimento de expressão da subjetividade humana, representa em uma sociedade. Como a Arte se destaca no meio urbano? Sobre este questionamento recorri aos textos de DA MATTA, (1978) FRUGOLI Jr. (2005), MAGNANI (2003), ROCHA (1994) e ECKERT (2013) para tentar entender o que é o meio urbano.

Como pesquisar as ruas da cidade utilizando a etnografia? Tentei entender de que maneira eu poderia vincular a arte que se faz nas ruas, nas periferias, com o desenvolvimento urbano das cidades, para isso fui buscar então uma orientação nos trabalhos de AMORIM (1997), JUNIOR (2014) e RAMOS (1994), que descrevem como o Graffiti desempenhava o papel de movimento artístico social, como o hip hop traz uma caracterização musical para a produção de Graffiti, como aquelas letras exemplificam em forma de melodia aquilo que é desenhado em murais nas paredes da cidade. Caminhei pelas ruas fotografando as artes em Graffiti e sempre questionando a mim mesma “*Por que elas estão escondidas?*”

Para aqueles que não estão familiarizados com a dinâmica da cidade que pesquisei, no caso, o centro urbano da cidade de Guarabira na Paraíba, a maioria das artes relacionadas ao Graffiti estavam localizadas em becos e vielas públicas de fácil acesso, mas que são sujos, mal cuidados e que possuem um longo histórico de lugares problemáticos em relação à segurança civil, é ali que as artes de Graffiti são expostas, tentando embelezar uma parte considerada suja e feia da cidade.

Cap. 01 — A diferença entre Beleza e Arte

Antropologia da Arte

Existe um ideal de arte, de beleza e senso estético que permeia as definições do que é ou não obra de arte. A abordagem antropológica vai além destas percepções restritivas. Na contemporaneidade vários artistas vão apregoar um distanciamento entre beleza e Arte, onde a beleza não é o único fundamento para a construção da obra de Arte. A obra de Arte segundo a abordagem antropológica, vai mais além do que uma simples definição estética da construção da Arte. A Antropologia da Arte percebe as proporções e formas estéticas como uma expressão pessoal da sensibilidade artística, uma afirmação genuína do mundo sensível e que ela se diferencia em cada cultura, não necessariamente dentro dos padrões e valores da estética universal.

A Antropologia promove uma reflexão das funções da Arte e de como existem outras possibilidades de ela ser observada e entendida em diversas culturas. Picasso, por exemplo, destoava das regras da Academia de Belas Artes, ao dizer que o distanciamento dessa beleza engessada criava uma expressão pessoal e uma visão original do mundo, eu seria fruto de uma sensibilidade artística. Na Antropologia, essa sensibilidade é vista nos cuidados das peças que são usadas em rituais ou marcação de territórios.

Segundo Layton (1991, p. 12) a definição de Arte pode ser abordada de dois modos, o primeiro é o da estética que pode ser definida através da produção de objetos artísticos que são considerados esteticamente agradáveis. Essas considerações partem do pressuposto ocidental do que seria agradável no objeto de análise, segundo Boas, haveria também a se considerar nas composições equilibradas o ritmo e a harmonia da obra que tem que fluir para um objeto que esteja matematicamente simétrico e equilibrado, onde essa harmonia representa a beleza da obra nos padrões adequados aos de beleza ocidental.

Muito se discute sobre uma antropologia urbana que é estritamente voltada para o viés marxista da dicotomia entre classes sociais ou sobre os estudos acerca da produção musical e da violência que permeia as localidades urbanas, mas, a Arte ainda é vista e entendida como algo que deve ser estudada dentro dos museus e galerias, apartada do público, quase como inalcançável. A Arte, para que possa

transmitir alguma coisa ou comunicar-se com o seu apreciador, se utiliza do domínio da metáfora para que não se tenha apenas o belo a ser visto, Layton afirma que *“nem toda representação visual é Arte”* (Layton. 1991 p. 15). Essa premissa pode ser aplicada no diferencial que se faz no Brasil do que é ou não Graffiti.

O Graffiti é uma arte que está ligada as realizações culturais de grupos juvenis que estão vinculados, de alguma maneira, ao Hip Hop, que redimensionam suas identidades para que tais mudanças identitárias possam representar o contexto em que vivem já que, segundo Amorim, *“...o acesso pelos quais as ideias são disseminadas em nossa sociedade não é o mesmo para todas as classes.”* (AMORIM, 1997. p. 01). O Graffiti, nesse contexto, é a expressão da identidade periférica urbana que transmite a individualidade, anseios, dúvidas, desejos e protestos dos indivíduos em Arte. Para se ter uma representação visual como Arte é preciso, portanto, ter certas habilidades que possam criar uma expressão visual. Essas habilidades podem ser o estilo apropriado de cada artista ou os motivos ideais para a construção daquela expressão visual. Segundo o Layton, *“...não parece haver razão para considerar a cartografia uma forma de Arte, o mesmo se dizendo dos sinais rodoviários, ao menos na intenção.”* (LAYTON. 1991 p. 15 - 16).

O Graffiti transmite significado sem, de fato, utilizar palavras. Estabelecendo, então, a relação do homem com a realidade em que ele vive, sendo esta realidade expressa através da Arte, em específico o Graffiti. Layton, em seus estudos, mostra os casos dos Calabares da Nigéria meridional que fazem esculturas entalhadas para servir como “casa” de espíritos. Segundo o autor desta pesquisa, Horton, essas esculturas não possuem valor artístico, pois elas servem para os espíritos “morarem” nelas e elas devem se assemelhar ao objeto anterior que foi deteriorado. Devemos atentar aqui para o fato de que o Graffiti é uma expressão dos sentimentos e uma produção considerada pelos próprios grafiteiros como Arte, a emoção e a subjetividade demonstrada e expressa em tintas.

Gosto de observar estas diferenças culturais e contrapontos artísticos pois a *“...experiencia etnográfica deve ser pensada dentro de um contexto de relações sociais e políticas.”* (JUNIOR, 2014. p.06). Estudar a produção artística é, então, perceber que a estética não é Arte, mas, existe uma referência cultural. Existe uma sensibilidade e um senso de beleza que o Graffiti reconhece dentro do turbilhão de

cores e linhas que desenvolve nas paredes da cidade. Este desenvolvimento é feito por suas relações culturais como meio em que vive, com a cidade em que habita e com as relações feitas e desfeitas dentro da sociedade em que existe.

Entretanto deve-se ter cuidado ao analisar tais manifestações artísticas. Não se pode colocá-las em uma limitação de senso de responsabilidade social, que deveria restringir a produção de Graffiti apenas como meio de protestar ou contestar políticas vigentes. O Graffiti tem uma estética, possui proporções e formas semelhantes para que sejam reconhecidos enquanto Arte Urbana, e são, de fato Arte, e não podem ser encaixadas apenas no exotismo de lutas periféricas ou de movimentos contestatórios. Espera-se que o Graffiti não possua uma Arte definida, padronizada e engessada nos conceitos de Belo, ele é uma expressão viva. A estética aqui empregada passa a ver a beleza como forma de verdade que é perceptível de várias formas dentro do conhecimento sensível, sendo, portanto, uma das formas de verdade, daquela produção cultural.

Existe então uma relação do homem com a realidade em que ele vive. Esta relação, já mencionada anteriormente e retomada aqui para um melhor entendimento. Inevitavelmente, cria impactos perceptíveis na teoria antropológica, principalmente na sua relação com a estética em comum acordo com a experiência. Um dos questionamentos levantados nesse novo vínculo do homem com a realidade é o impacto de como a cultura é estudada na contemporaneidade, de que maneira mais objetiva se pode captar os elementos culturais e motivadores do objeto de estudo.

O antropólogo, então, irá avaliar a cultura da melhor forma possível, não tentando descobri-la como algo exótico e que nunca foi visto, mas através de uma análise de seus significados como explica Geertz:

“A análise cultural é (ao menos deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação de conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do continente dos significados e o mapeamento de sua paisagem incorpórea.” (Geertz, 1989, p.30)

A antropologia, neste sentido, deveria conceber o estudo da cultura e dos seus signos pelo viés semiótico, com a intenção de entender o processo de significação e de seus sentidos em relação dos signos existentes, abarcando, portanto, as múltiplas

dimensões da realidade, os elementos estéticos, a própria arte como uma participação e vocativo de uma mesma cultura. E nesse ensejo, podemos perceber que em todo momento da história o homem se relacionou com a Arte, tecendo diversos significados e imprimindo suas ideias, sentimentos e expressões, em pinturas, esculturas, monumentos, como também sua oralidade e ritualismo.

Essas experiências variam de uma sociedade para a outra e até mesmo entre indivíduos, pois, a arte é um *“produto da experiência coletiva que vai bem mais além da própria experiência.”* (Geertz, 2008, p. 165). Ao se falar em Arte como um sistema cultural, Geertz afirma haver certas dificuldades na descrição dos sentimentos frente a obras de Arte que são feitas de maneiras pictóricas, tanto para leigos quanto para críticos. O autor ainda ressalta que o Ocidente tenta compreender a Arte através de técnicas que são universais e consideradas suficientes para se compreender o trabalho da Arte. Essa incapacidade de compreensão da ligação entre Arte e cultura faz com que os povos, ditos primitivos, por não falarem sobre Arte como conhecemos, sejam vistos como não produtores de arte, em geral, porém eles mesmos têm suas próprias maneiras de se expressar em relação a sua Arte.

Essa expressão cultural e artística é, muitas vezes, vista pelo pesquisador como uma interpretação de uma mera decorrência das atividades sociais desenvolvidas pelos povos estudados, claro que tal interpretação se baseia na percepção de Arte em uma visão eurocêntrica. Nesse sentido é seguro afirmar que a Arte não pode ser entendida de maneira limitada. Ela está ligada a vários âmbitos da cultura e a linguagem estética se refere diretamente a ela, se relacionando com a variedade de aspectos do ser humano, enquanto ser cultural, sendo a estética e a própria Arte não um reflexo de uma estrutura universal, mas uma representação do referencial da realidade.

Entendendo estas considerações sobre o estudo da Arte pela antropologia, como fazer isso sem se transformar em um texto apenas subjetivo e cheio de sentimentos? Porque, por muito tempo, existe na antropologia um temor muito grande que o trabalho acadêmico, ao se demonstrar alguma subjetividade, aquele que use uma narrativa mais próxima da literatura e que seja além de informativo, também encantador, tornaria o trabalho menos acadêmico, desprovido de metodologias e fosse desconsiderado como texto científico, sem valor ou mérito acadêmico. Da Mata

em seu texto *“O Ofício do Etnólogo, ou como ter Anthropological Blues”* discute essa carência e o medo de se redigir textos fluidos, com prazer para quem escreve e quem lê. Para serem validadas as pesquisas antropológicas devem entender que:

“A Antropologia é aquela onde necessariamente se estabelece uma ponte entre dois universos (ou sub-universos) de significação e tal ponte ou mediações é realizada com um mínimo de aparato institucional ou de instrumentos de mediação. Vale dizer, de modo Artesanal e paciente, dependendo essencialmente de humores, temperamentos, fobias, todos os outros ingredientes de pessoas e do contato humano.” (Da Matta, 1978. p. 03)

A Antropologia, portanto, depende dos sentimentos, das subjetividades dos outros para existir. Se não fosse assim não haveria a necessidade de ir a campo, de conversar com o interlocutor, de lhe ouvir, ou das longas jornadas em terras que já foram taxadas de "exóticas". Um desafio ainda maior que manter essas subjetividades fora dos textos e da pesquisa em si é fazer isso de dentro, não nas distantes terras dos Azande onde Evans-Pritchard foi e viu as ditas "luzinhas" da bruxaria ou os trobriandeses com Malinowski, quando este estudou o Kula. Um dos maiores desafios do antropólogo, portanto, é o de pesquisar dentro de seu próprio mundo, é quando tiramos *“a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico — como etnólogo — estranhar alguma regra social familiar.”* (Da Matta, 1978. p. 05)

A percepção de que o contexto em que vivemos pode e deve ser analisado, estranhado, observado como um campo frutífero de pesquisas e questionamentos é encontrar no outro um estranhamento sem exotizar. Entender estes processos na vida do antropólogo é necessário para se compreender os temas de interesse e, como Da Matta expressa, estar exercitando passos, a cada momento que se propõe a ir no campo, sendo o estranhamento um dos primeiros passos, pois exotizar e depois tornar familiar é condição necessária para uma vida intelectual ativa. O desligamento emocional também é comentado pelo autor como uma peça chave para uma boa produção antropológica.

Compreender esse passo é necessário para a criação de uma relação entre o antropólogo e a pesquisa dentro de seu meio e vivência, mas fora de seu meio

acadêmico, como se o viver e o pesquisar fossem duas dimensões diferentes e que o antropólogo, enquanto pesquisador, teria que abrir mão de uma, ao se utilizar de outra.

A todo momento é cobrado do antropólogo a imparcialidade, que deve ser vista, e seu distanciamento no relat. Mas essa frieza se torna aborrecida, e até mesmo reducionista de alguns temas, como a pesquisa da Arte, por exemplo, já que Arte é emoção e expressão além da técnica e as emoções para um antropólogo são vistas como algo comprometedor, que pode turvar o discernimento acadêmico, fazendo com que suas pequenas vitórias acadêmicas, sejam só suas e raramente cheguem a seus pares. Exceto é claro quando seus diários de campo são publicados e então, como textos não acadêmicos, ganham espaço no imaginário, chegando a mais pessoas além do meio acadêmico, gerando debates e trazendo mais luz a novas discussões.

Muitas das preocupações que tenho em meus textos, sejam eles em provas, seminários, artigos de pesquisa ou em simples publicações das redes sociais, é que aquele que lê entenda o que quero passar com minha escrita. Isto ocorre, pois, a comunicação é algo muito delicado, principalmente para um pesquisador. Nós, enquanto pesquisadores, não sabemos ao certo se o outro, o interlocutor, quer participar completamente da pesquisa, afinal depende do seu humor e boa vontade, mas creio que o antropólogo, quando realmente está encantado, ele insiste em sua pesquisa.

Nessa perspectiva, pesquisar sobre Graffiti no centro urbano da cidade de Guarabira na Paraíba foi uma experiência desafiadora. Tentar construir aproximações entre as disciplinas de Antropologia, Sociologia e Arte foi bem difícil como Magnani exemplifica

“... não se pode acoplar a paisagem urbana a uma só modalidade de espaço público, mas era preciso distinguir as formas em que esse espaço público se apresentava e era trabalhado pelos usuários, o que redundava em diferentes dinâmicas urbanas e de sociabilidade.” (MAGNANI, 2005. p. 90)

A paisagem urbana, no meu entendimento, é viva e fluida. Está em constante mudança e alteração de padrões, vivências, sociabilidades e de construção da Arte. Em um dia você pode se deparar com o mais belo tipo de Arte no estilo do graffiti e

no outro dia, ele pode não existir mais, seja pelas intempéries do tempo ou por ações humanas. As semelhanças são grandes, e somadas as dificuldades já evidenciadas, tornam a pesquisa ainda mais complexa. Para nós, pesquisadores antropólogos, que estamos iniciando a vida acadêmica de pesquisas, e alguns, no ato de lecionar, pesquisar sobre a Antropologia Urbana é revisitar os olhares e as teorias de nossos predecessores, os teóricos da Escola de Chicago, Park, Becker e Redfield, é compreender e questionar suas teorias, é, estritamente, “...*confronta-las quanto ao olhar e à reflexão de ambas sobre a cidade.*” (FRUGOLI JR.,2003. p.135)

Pensando nisso, algum tempo depois, cerca de 5 meses revisitando as estruturas na praça, os pergolados voltaram a ganhar minha atenção. Um deles, foi o pergolado na praça João Pessoa, aquele que possuía o grande painel de graffiti com a menina, estive por lá na época das festas natalinas, pelo final do mês de novembro e dezembro. As caçadas Pokémon, que permeavam os meses de janeiro a junho, agora estavam mais escassas, poucos colegas se reuniam, o medo da pandemia já tomava conta da Itália, mas ainda não havia, de fato, chegado ao Brasil e nem sonhávamos que chegaria. Escutei muitos dizerem que era “doença de país frio” ou “de rico que pode viajar.”. Enfim, voltando à praça, para uma caçada fui revisitar o painel, e qual foi minha surpresa ao constatar que ele não existe mais. Por algum motivo que desconheço, mas conjecturo que tenha sido para embelezar a praça com a temática natalina das festividades do final de ano, pois o pergolado fora fechado.

Todo o local foi reestruturado com um material chamado madeirite, que são tapumes de madeira rosados utilizados para formarem estruturas similares às paredes, estes foram pintados para parecer com uma casa de papai Noel. Dentro desta estrutura estava uma réplica de uma casinha natalina como aquelas vistas em filmes estadunidenses sobre tais temáticas. Havia um sofá de couro marrom avermelhado, uma manta xadrez vermelha sobre ele, vários bonecos da personagem do Papai Noel e da Mamãe Noel, em suas roupas vermelhas brilhantes, uma árvore de natal ricamente decorada com a base cheia de caixas, representando os supostos presentes embalados. Tinha até mesmo uma réplica de lareira feita de cartão e montada de maneira a parecer uma lareira de verdade, que poderia ser encontrada dentro da estrutura que não possuía mais o painel de graffiti, este não existia mais. Fiquei arrasada, pode até parecer exagero, contudo, para mim foi bem triste, pois era um painel que eu achei lindo e eu não sabia que ele não estava mais lá, estava coberto

de tapumes, ou papel de parede imitando tijolos vermelhos com argamassa branca, em um clássico estilo alemão.

Depois de algumas visitas à campo, descobri que o painel não existe mais, foi retirado, sobrou apenas os traços remanescentes da tinta preta nas colunas do pergolado. A casinha do papai Noel, feita para o natal, foi convertida em um espaço de leitura, que por fim foi infrutífero, e tempos depois foi desmontando, voltando o espaço a ser um pergolado comum. As inquietações voltaram, mais fortes que antes pois, no período de entremeio desses dois encontros, fiz um trabalho com meus colegas Luiz Alessandro e Gabryelle Araújo sobre tatuagens, durante a disciplina de Antropologia Visual II, ministrada pela professora Lara Amorim.

A disciplina, como o nome já sugere, trabalharia o uso da antropologia visual para documentação de algum tema de pesquisa de nossa escolha. A equipe, depois de debater sobre o tema, escolheu a temática relacionada à tatuagem e como elas eram recepcionadas pelas pessoas que ainda viviam em uma sociedade tradicionalista que discrimina pessoas tatuadas, relacionando-as a criminosos ou pessoas fora da curva social existente em cidades interioranas. Decidido esse tema, fomos a um estúdio de tatuagem na cidade de Guarabira, na Paraíba, denominado de “Porto Tatto”, pois é de propriedade de “Léo do Porto”, como ele se apresentou e prefere ser chamado. Léo é um conhecido de Alessandro, que também conhece um rapaz chamado Lourival, que prefere ser chamado de “Kiko”. Ambos ficaram sabendo do tema por meio de Alessandro e nos autorizaram a fazer o trabalho com eles. No dia marcado nos apresentamos, explicando sobre nosso curso na UFPB, conversando de maneira informal e muito divertida. Em dado momento gravamos uma entrevista com todos os presentes no estúdio, não apenas com Léo e Kiko, mas com as pessoas que ali estavam e se interessaram pelo projeto, entre eles Vandal, e Tatá. Tiramos fotos das tatuagens, gravamos pequenos vídeos para serem montados ao longo da edição de vídeo, além, é claro, de explicar a eles como o material seria editado. Combinamos de fazer um mini evento para devolver o filme. Infelizmente esta devolução não foi efetivada por causa da pandemia da COVID – 19 e do fechamento e isolamento social subsequentes.

Todavia, ainda falando sobre a experiência do filme, elogiei a decoração do local, que era inteira de Graffiti, feita por conhecidos do Leo e por ele mesmo. Eram Graffitis lindos que enchiam os olhos, cores vibrantes de verde e vermelho, sombreados de preto com branco e muito azul, muito bonito mesmo, como se nota na figura 4, ao lado. Reconheci até alguns traços familiares dos graffitis que vi no caminho da etnografia realizada em uma outra disciplina do curso na UFPB.



Figura 4 – Léo Porto, Kiko e Tatá no estúdio Porto tattoo - Foto: Acssa Pricilla.

Meses antes da disciplina de Antropologia da Arte, também ministrada pela professora Lara Amorim, fizemos uma pesquisa sobre Museus. De fato, a pesquisa, mais uma vez feita com meus colegas Luiz Alessandro e Gabrielly Araújo, se desenvolveu também na cidade de Guarabira. O principal motivo foi o tamanho da cidade, muito pequena em relação a capital João Pessoa, pois Guarabira conta com 165,1774mk² e pouco mais de 59 mil habitantes². Além disso, o espaço para museus em Guarabira é restrito ao centro urbano da cidade, o que restringia nossa área de pesquisa a um único bairro e não a vários, como poderia ocorrer na capital, além é claro, do deslocamento e dos custos financeiros de uma pesquisa em um local maior.

Ao levarmos em consideração estes aspectos partimos para nossas pesquisas pelo circuito cultural que o centro urbano nos oferecia. Visitamos, em primeiro momento, os graffitis e os casarões abandonados do percurso de minha residência, local onde Gabrielly se hospedou, até o centro da cidade, no caminho também vimos as praças que foram ornamentadas com as Artes Naif à céu aberto, e as que estavam localizadas no Beco da Candeia. Visitamos também o Beco por trás do Teatro Geraldo Alverga onde se encontram os Graffitis na rua Sabiniano Maia, depois fomos para o Museu de Arte Sacra, onde estão localizadas peças ligadas a Igreja Católica de Nossa Senhora da Luz, itens pessoais de antigos bispos e padres que passaram pela diocese. Depois fomos ao o Museu de Arte Naif, localizado no Centro de

² Informações retiradas do site www.cidadesdomeubrasil.com.br

Documentação Cel. Pimentel. E por fim ao Casarão da Cultura. Ainda com o interesse de observar mais sobre a produção de Arte, visitamos a Igreja Matriz de Nossa senhora da Luz, que passava por pintura e revitalização dos santos e de seus nichos.

Nesse meio do caminho sempre tinham os lindos Graffitis, tirei fotos de uma grande maioria, eles estavam ali, gritando "Olhem para nós, existimos!" E existiam mesmo, os mais diferentes traços, cores, tamanhos, formas, com ou sem palavras de protestos, rabiscos pretos que são chamados de pichações, desenhos mais elaborados, lindos, porém escondidos, em sua maioria, em especial em um beco fétido, muito sujo por trás do teatro Geraldo Alverga e das casas que o circunda. Terminamos ambos os trabalhos, com a certeza de que a cidade tem dado muito atenção à produção artística regional e à abertura e conservação de Museus.

Segui meu curso, enfrentando outras matérias, sempre com aquela curiosidade em minha mente, lendo sobre e voltando a pensar na Arte de rua, na Arte urbana, em como era triste, em algum nível, minha cidade ainda pensar e entender que o Graffiti é uma Arte marginal, não no sentido de ser bandida e criminosa, mas no sentido de estar à margem da sociedade, e à margem da própria Arte. Para mim o conceito de Arte vem se modificando conforme o momento histórico e o grupo social no qual ela é discutida, porém, ainda hoje a Arte é relacionada ao ideal clássico de beleza, cunhado na Grécia Antiga, que voltou a evidência com o Renascimento italiano e se perpetuou no imaginário das pessoas, que vem sendo ainda reproduzida como verdadeira Arte. Esta definição identifica o objeto como belo, naquele que adota a ordem e a proporção simétrica definida no período histórico supracitado, esse conceito sempre vem sendo retomado em diferentes momentos ao longo do tempo, no Classicismo, Neoclassicismo, Renascimento e outros.

Cap. 02 - Perambulando na cidade com a câmera a mão: em busca de documentos

O padrão cultural estabelecido ainda persiste mesmo diante dos avanços da Arte, é a baliza de definição para se elencar o que deve e o que não deve ser considerado Arte. Nesse aspecto, o Graffiti também passa por um processo de distinção entre as suas manifestações, diferenças estas que relacionam a dicotomia entre Graffiti e Pichação. O próprio Graffiti é considerado mais elaborado e

preocupado com questões técnicas e de composição. Já a pichação é considerada uma ação mais rápida e gestual, que não teria que haver uma intenção de elaboração artística. Segundo Ramos, “*a pichação interessa mais o ato, o aparecer, o transgredir e menos o processo criador.*” (RAMOS, 1999. P.49).

A diferença percebida no Brasil entre os tipos de Graffiti e a Arte, portanto, do pressuposto estético do que é ou não é considerado Graffiti, que mesmo causando desconforto e estranhamento ainda será considerado como uma “pintura de mural” que já é aceita socialmente, à exemplo dos grandes muralistas mexicanos, segundo Gitahy, “... *os grandes pintores mexicanos decoravam edifícios públicos.*” (GITAHY, 1999. P. 15). Portanto, as cidades sempre se apresentaram como palco para tais pinturas, enquanto definidas como murais ou apoiadas pelos poderes públicos ou por galerias, o Graffiti é visto enquanto Arte, entretanto esta mesma aplicação não se faz presente em cidades interioranas brasileiras. Parece existir, ainda, uma resistência muito grande nesse aspecto. Os graffitis possuem sua própria organização e grande diversidade de traço, por isso nem todos agradam ao olhar de muitas pessoas da população. Para além disso, os graffitis tendem a possuir temáticas das mais diversas, os que analisei e estão expostos em anexo neste trabalho e variam desde lutas raciais, reforço do feminismo, beleza da mulher, a alienígenas e jogos de videogame.

Esta pluralidade visual de cores e temas parece ser um dos dificultadores do graffiti dentro do cenário artístico pesquisado, no caso a cidade de Guarabira, que tem uma vasta produção cultural de arte Naiff voltada para a criação, exposição e força das culturas locais e do tradicionalismo nordestino. Suas pinturas representam os festejos juninos, figuras emblemáticas da história da cidade, aqui falo do personagem Rei Momo que durante minha infância foi representado pelo cidadão guarabirense conhecido por mim como “Gildo” ou o famoso cordelista José Camelo de Melo responsável pela obra “Pavão Misterioso”, um romance em cordel que ganhou fama nacional e, alguns dizem, que até internacional.

Além disso os variados cenários que remetem à seca ou à vegetação da região do nordeste como cactos e figuras que remetem ao sertanejo nordestino com suas roupas de couro são exploradas como parte de tradicionalidade que sempre é revisitada ou reensaiada aos mais jovens.

Entretanto percebo que a arte dos graffitis também faz parte da cultura da cidade, pois os mesmos painéis fazem alusões a temas que ocorreram na cidade e parecem ter sido esquecidos pela população, como é o caso dos alienígenas. Não pretendo, neste trabalho, me aprofundar neste tema, porém a cidade de Guarabira é, de fato, reconhecida nacionalmente como uma das cidades com mais avistamentos de OVINIS, tendo inclusive a presença do programa Fantástico, da emissora de TV Rede Globo nos anos 90, sendo citada pela revista Superinteressante, em publicação de 2016 e recentemente em um documentário internacional chamado “De Carona com OVINI’s” do canal History. Este passado, ainda que para mim seja bem presente, não é contemplado nas artes produzidas oficialmente pelo governo da cidade em seus murais de Arte Naif, entretanto eles podem ser vistos nos graffitis que estão em vielas sujas e escondidas da cidade.

Ao estudar a cultura urbana e sua produção artística, busco entender como ocorre a segregação do espaço urbano para diferentes tipos de Arte, sua hierarquia e organização interna que vem a separar o que é Arte Urbana dos Murais Naif, da produção de Graffitis, para que se possa entender as sociedades e sua produção cultural e como se comportam nas cidades interioranas. Perambular pelas cidades com o objetivo de Etnógrafar o seu fluxo continuo sempre tem uma preocupação com o ritmo da observação, geralmente é um ritmo gerado pelas vidas dos habitantes das comunidades, de suas vidas cotidianas e de seus acontecimentos que são registrados, observados e posteriormente compartilhados. Quando se observa a cidade, nota-se que existe uma quantidade grande de códigos sociais que asseguram o bom fluxo da cidade, especialmente quando se faz uma pesquisa que precisa utilizar a câmera como ferramenta.

Ao me deslocar pelo centro urbano junto com minha amiga Rayane ou meu irmão Álefe, pessoas que a todo momento estiveram comigo durante meus deslocamentos, eu reconheço algumas similaridades na paisagem urbana e muitas mudanças. Temos reformas de ruas, casas, pinturas que antes existiam e que hoje não existem mais. Contudo, uma coisa não parece mudar. O receio e a curiosidade dos transeuntes quando vêem duas ou mais pessoas fotografando Graffitis e, a pedidos de Rayane, explicando o que é a pesquisa, questionando sobre as obras de arte, percebendo também a estética da própria cidade que se deteriora.

Outra observação que fazemos durante as idas à campo é que o meio social urbano apresenta, ainda com muita resistência por parte de autoridades e governanças municipais interioranas, um grande preconceito sobre o uso de Graffitis para o embelezamento e valorização de espaços urbanos. Os problemas relativos à pichação e ao graffiti levam à análise das estruturas sociais vigentes, bem como, a forma como os grupos sociais dominantes têm orientado as manifestações estéticas de uma sociedade, evitando as transgressões das regras de suas escolas ou academias.

É curioso que quando estive com Léo Porto, desta vez não mais para falar estritamente sobre tatuagens, conversa essa que aconteceu anteriormente e foi muito interessante, mas para questionar sobre graffiti, soube de uma informação. Leo, um pouco irritado afirmou. *“Essa nova administração não se importa com a arte de rua não, depois que esse tal de Tarcísio entrou, os projetos de arte urbana estão sendo ignorados. Eles não ligam, é ruim de conseguir as coisas.”* Segundo Léo, existem quatro projetos culturais que foram apresentados à Secretaria de Cultura do município de Guarabira, e que ainda segundo ele, os projetos estão sendo ignorados.

O Graffiti, enquanto Arte gráfica, se utiliza de símbolos visuais para sua decodificação e comunicação e é capaz de transmitir uma mensagem apenas com seu impacto visual, sua compreensão pode ser clara para aqueles que pertencem ao grupo social que já se utiliza de tais técnicas, ou não, já que é possível que a intervenção, como é chamado o ato de utilizar o Graffiti como obra, não forneça uma leitura fácil, pois geralmente ele se apresenta com letras distorcidas. À título de explicação comum, geralmente utilizada pelo meio artístico, o Graffiti se difere da pichação por ter como objetivo um resultado mais elaborado e preocupado com questões técnicas e 3 compositivas, já a pichação se apresenta como uma ação mais rápida, gestual, desprovida da intenção de elaborações artísticas.

Busquei informações sobre como ter acesso a estes projetos de lei levados à Secretaria de Cultura e fiquei pasma quando falei com alguns trabalhadores da área, como a curadora da pinacoteca ou a responsável pelo Casarão da Cultura (uma casa antiga do século XIX que foi reformada e transformada em museu de obras naif e material da história da música e cinema na cidade). Nenhuma dessas pessoas soube me informar onde eu deveria procurar tais projetos. Na Casa do Cordel fui informada

que deveria ir na prefeitura saber, e foi o que fiz, segui para o prédio da prefeitura e na recepção já fui informada que aquele tipo de informação não era ali e que também não saberia dizer onde. Frustrada e imensamente irritada ainda tive que ouvir a frase “talvez ache esses papéis na secretaria de cultura, mas né aqui não, é bem capaz de terem jogado fora.”

Devo afirmar aqui que tal tipo de recepção as minhas tentativas de investigação foram frustradas pelo descaso com que fui tratada. Entendo que os servidores públicos tem suas limitações, principalmente quando são de secretarias diferentes, oras eu sou da secretaria de saúde e não sei nem a metade dos acontecimentos que ocorrem nesta área, pois não é da minha alçada, ou como dizem aqui no meu município “não está no seu nível.” Entretanto gostaria de pontuar aqui algumas observações que fiz enquanto perguntava sobre projetos de arte urbana e onde achá-los. A primeira observação que faço é sobre a linguagem corporal das pessoas, pois assim que explico o meu trabalho, a pessoa sorri, mas não de alegria.

Percebo que eles olham para mim, de cima para baixo, examinando, avaliando e depois sorriem como se aquele sorriso fosse o escárnio da minha pesquisa. Posso estar sendo bastante subjetiva sobre isso, mas analisar essas mudanças corporais faz parte de um bom observador, e quem sabe um bom antropólogo. O segundo ponto que quero esclarecer é o tom de voz e o tipo de fala, sempre com aquele tom de desmerecimento, desistência e desinteresse seguidos de frases como: “Não faço ideia”, “Não sei como ajudar”, “é pra que isso mesmo?”. Ter que enfrentar estas dificuldades na pesquisa reforça ainda mais meu entendimento de que o graffiti não é nem considerado um tema sério, no caso não é considerado nem uma arte. Seja por falta de conhecimento do real sentido de arte ou por puro preconceito, o fato é que etnógrafa a cidade e suas produções artísticas fora da curva social vigente se torna um trabalho deliciosamente desafiador e frustrante, por isso creio que devo continuar meus esforços, se não for eu agora, quem mais será? Ou pior, quando será que vai acontecer tal pesquisa?

Cap. 03: “É uma abertura de várias janelas e portas...”

Colocadas as minhas ideias sobre as primeiras investidas na pesquisa fui, definitivamente à campo. Etnógrafar a própria cidade pode parecer fácil para os colegas que se iniciam em suas práticas de pesquisa, deixe-me alertá-los que não é.

Quando se escolhe um campo tão familiar, em sua zona de conforto, de minha perspectiva, acaba se tornando ainda mais difícil pois, tendemos a relativizar o olhar uma vez que estamos em nosso cotidiano. Deixamos de perceber certas camadas sociais, culturais e políticas que estão lá, em nossa frente, no dia a dia, encobertos pelo manto do familiar e do cotidiano. Quando, de fato, decidi ir a campo para fotografar e buscar o meu objeto de pesquisa, meu primeiro pensamento foi "onde e como devo ir?".

Meu campo, o centro urbano da cidade de Guarabira, fica a 1.5 km de meu ponto de partida, que é a minha residência. Em minha cidade são poucos os meios de transporte municipal, não temos linhas de ônibus caso queira se deslocar dos bairros mais distantes até o centro da cidade, as opções são limitadas aos chamados "ônibus de feira", veículos que possuem um dono, que tem uma empresa com uma frota de ônibus que fazem a linha intermunicipal para a feira livre de Guarabira em seus dias específicos que são: segundas, as quartas feiras, e aos sábados, funcionando apenas às 11 horas da manhã.

Outra alternativa seria o uso de carro particular ou táxi, serviço de carros para aplicativo não funciona na cidade e a terceira via, considerada mais barata seria o uso de mototáxis, como o nome já esclarece, são motos que podem ser alugadas para servir de táxi, tendo o piloto como mototaxista e eu como passageiro. Minha escolha foi a mais acessível as minhas condições financeiras e geográficas, optei por caminhar até o centro da cidade e verificar os locais de arte, de produção artística urbana.

Decidida, coloquei os meus tênis de caminhada e uma roupa confortável, dentro da minha mochila além da câmera, uma garrafa de água e uma sombrinha, visto que o clima estava sempre muito quente com alta temperatura exigindo tais cuidados. Chamei o meu irmão para que ele pudesse me acompanhar nas áreas mais perigosas, afinal eu tinha medo que a minha câmera, no caso o meu celular, fosse roubado por eu estar sozinha em uma rua inóspita e suja.

Saindo da nossa residência, na rua Santa Amaral, seguimos pela PB 057, uma estrada estadual asfaltada que não possui qualquer acostamento, fato este que me fez disputar o espaço com automóveis que transitavam pela PB.

Este percurso foi escolhido pelo simples fato de que, geograficamente falando, eu deveria enfrentar uma caminhada pelos bairros nos quais eu teria que subir e descer várias ladeiras, entrar para os becos e ruelas, ou poderia seguir em frente em uma descida leve, mesmo com os perigos dos automóveis, preferi seguir por todo o meu trajeto em uma reta.

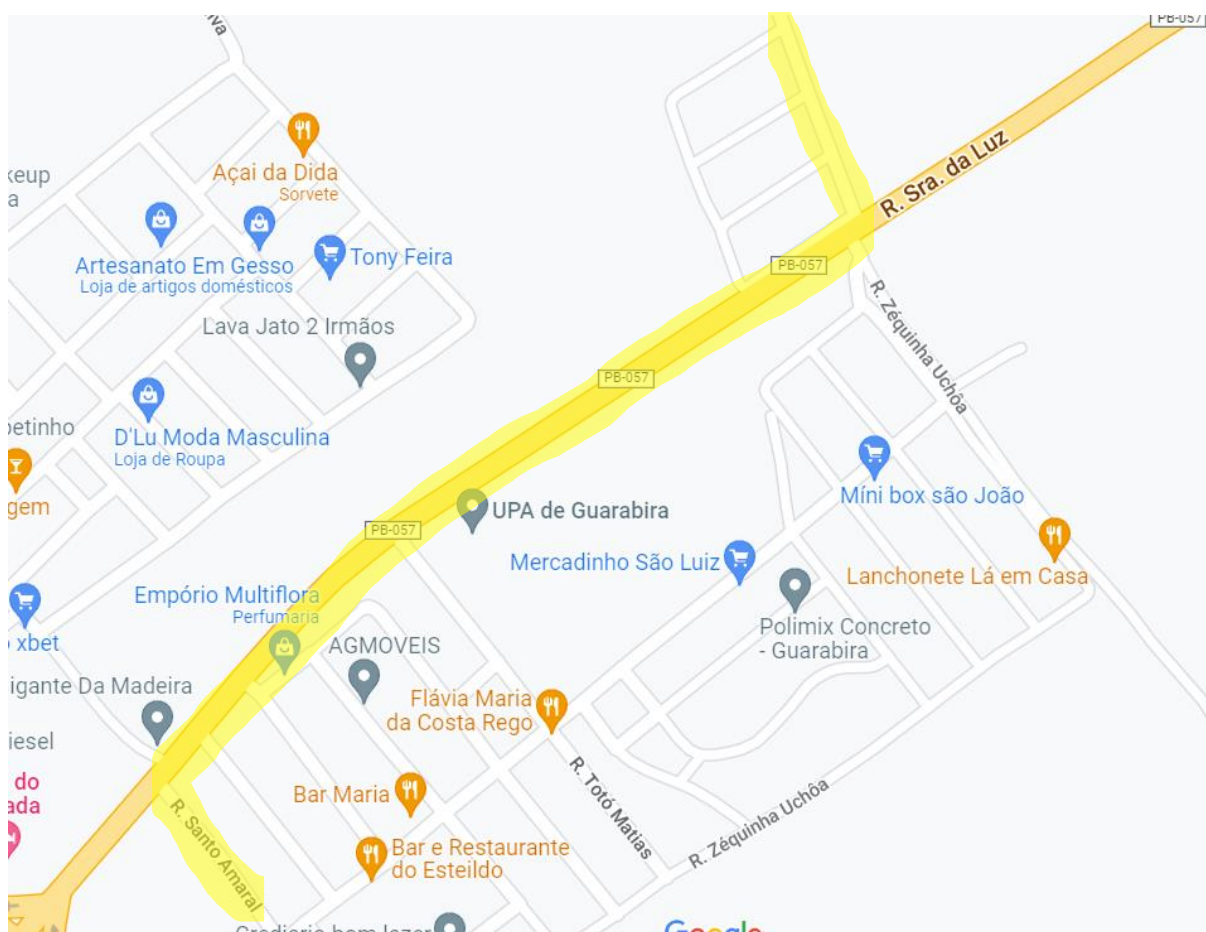


Figura 5 imagens do trajeto mostrando o ponto de partida, na rua Santa Amaral até a entrada na rua de ligação. – Foto: Google Maps.

Depois de caminhar por uns 10 minutos à esquerda, encontrava-se uma rua agora não asfaltada, porém calçada, e com algumas árvores do lado direito e um conjunto habitacional construído em frente às piscinas da empresa CAGEPA, empresa que fornece água e faz o tratamento de esgotos da cidade. A rua em si não tem nome, pelo menos não percebi nenhuma placa a nomeando ou alguém sabe o nome da mesma, ela é mais uma rua de ligação entre a PB 057 e a rua Prefeito Manoel

casas e prédios comerciais, estavam os meus grafitis. Cheios de vida, cores, deteriorados pelo tempo e pela falta de cuidado, enormes, vistosos, imponentes. A rua que dá acesso a estes murais, a rua Margarida Maria alves é uma ladeira de pedra, de paralelepípedo antigo, seu acesso dá direto à sacistria da igreja principal da cidade, a catedral de Nossa Senhora da Luz, que eventualmente é frquentada pelas pessoas ao sairem da missa aos domingos. Um dos dias que fui a campo, curiosamente em sua lateral, no caso na lateral do Tetaro Geraldo Alverga, existem dois grafittis religiosos, um do frei damião e outro do que seria a mão de cristo crucificada.

É aqui que já se enxerga os indícios da rua que me chamou a atenção, uma rua quase inteira de grafittis dos mais diversos. Partindo deste olhar, das fotografias que me encataram, fui atrás de alguém que poderia me falar sobre este projeto. E encontrei Leo Porto, com quem já trabalhei antes em um curta sobre tatuagens.



Figura 8 – Lateral do Teatro Municipal Geraldo Alverga. Foto: Acssa Pricilla.

Entre várias idas e vindas, principalmente de minha parte, que fiquei doente com covid – 19 e depois um resfriado muito forte, para além dos problemas psicológicos que me foram herados por causa da doença e do cenário mundial em meio à pandemia e o medo da morte, marquei um dia para falar sobre graffiti com Porto. Combinamos no sábado dia 18 de junho, Leo iria estar no seu estúdio de tatuagem e haveria a grande possibilidade de ter alguns outros grafiteiros junto, já que ele iria gravar suas músicas, pois ele também é rapper. Porto me pediu para ir depois das 12 horas e 30, pois ele também tinha uma tatuagem para fazer. Tudo combinado e voltei para casa com alguma esperança de conseguir alguma coisa.

Devo dizer que construir um trabalho como este é difícil, mas pequenas coisas

como perguntas são as mais sofríveis possíveis, elas te travam em algumas esferas que não gostaria de ter, levam a caminhos diferentes dos imaginados e, falando sinceramente, esta deve ser uma das belezas do ato de questionar, verificar que seus caminhos não estão em nosso controle. Me lembra um pouco das aulas de antropologia, quando os professores descreviam as dificuldades dos campos dos pesquisadores do início, de suas frustrações com as perguntas não respondidas, com as entrelinhas de textos que só depois de seu tempo, com outros olhares puderam ser interpretadas.

A frustração de não se ter o controle é grande e eu a sinto pesar em cada linha que escrevo ou ação que faço e isso me consome grandemente, refletindo, portanto, na quantidade de nervosismo que fiquei antes dessa entrevista, dias antes aliás. Mesmo conhecendo Leo Porto, tendo conhecidos em comum, e até amigos de mesmo ciclo, os dias que antecederam a nossa entrevista foram horríveis, da sexta-feira para o sábado mal dormi, estava cansada, ansiosa e repassava cada questão e como deveria falar com ele, o medo me tomava por completo e também a curiosidade de saber se outros pesquisadores também se sentiam assim, ou eu estaria só nessa angústia pré - pesquisa?

O fato é que planejei aquele dia e não aconteceu como pensei. Primeiro que não pensei em levar meu irmão mais novo, que se chama Álec, para campo. Porém naquele dia ele ficou comigo, então como tinha coisas a resolver com ele naquele dia as fiz, almoçamos juntos e seguimos para o estúdio de tatuagem "Porto Tattoo". Meu irmão e eu caminhamos por toda a avenida Dom Pedro II, até a PB – 073, ao lado da Avenida Sabiniano Maia, que é diferente da Rua Sabiniano Maia, onde está o "Beco do Graffiti". Meu irmão foi parte do caminho me questionando sobre o projeto e a outra metade falando sobre animes e coisas das quais gostamos, me deixou um pouco mais relaxada ter ele do lado, me fazendo acreditar que eu podia fazer aquela entrevista de boa.

Chegamos lá e fui trocar uma ideia com Léo, avisá-lo que cheguei e que estava aguardando por ele, o mesmo avisou que tinha uma tatuagem para fazer, coisa que testemunhei estar acontecendo, já que quando cheguei ele estava desenhando em uma folha enquanto a jovem aguardava para ser tatuada. Disse a ele que não tinha problemas, que ele ficasse confortável e que eu estava livre para falar com ele o dia

todo. Não fiquei na sala da tatuagem para ir falando com ele, acredito que esse momento é dele e da cliente, ela deve ter seu espaço respeitado para curtir o momento.

Voltei para a recepção e lá me sentei esperando com o meu irmão, mexendo no telefone, revendo as questões e sentindo que eu iria fazer algo de errado, o estúdio também tinha música tocando, o produtor de Leo estava lá, remixando algumas músicas, mas não fui vê-lo, estava sentada na recepção me desesperando pela entrevista.

Revisei cada uma delas, ensaiei mentalmente comigo como queria fazer, até idealizei respostas. A espera foi curta até, mas para mim foi longa e aflitiva. Nesse tempo de espera eu reví a esposa de Leo e Idênia, nos conhecemos de outros encontros e temos grandes amigos em comum, de shows de rock e eventos culturais que participávamos, bati um papo com ela, ri muito, mas a insegurança da entrevista batia à porta.

Quando por fim chegou a hora, fui ao encontro dele na sala de tatuagem, era mais calma e tinha um ar condicionado, expliquei a ele que estava gravando a entrevista e que ele ficasse à vontade, não iria usar a gravação da voz dele sem nenhuma autorização previa, fato esse que ele disse não se importar muito e que se eu quisesse poderia usar.

Eu tinha algumas perguntas em mãos, eu gostaria de saber como ele percebia a aceitação do graffiti como arte na região em que grafita, ou como ele definira o grau de dificuldade para exercer o graffiti na cidade. Dentro de nossa conversa também questionei sobre a percepção que os outros tem do graffiti e sua relação com a arte e destaque também a relação dos gestores públicos em relação ao graffiti.

Porto, como eu o chamo algumas vezes, outras só Leo, parecia bem cansado pelo esforço do trabalho, de ter gravado algumas músicas mais cedo, mas mesmo assim ele foi super gentil e disposto a responder esses questionamentos. Expliquei também sobre o meu trabalho, não sendo a primeira vez que trabalhávamos juntos, falei sobre tatuagem e graffiti com ele algumas vezes e, em outros encontros que tivemos, uns três ou quatro, falávamos sobre a arte e também sobre o graffiti como arte e forma de expressão. Lembro que ele sempre parecia interessado, então desta, vez lhe expliquei que a premissa do meu trabalho era trazer luz à ideia do Graffiti

como arte urbana que é pouco valorizada pelos gestores, principalmente em cidade interioranas e qual a percepção da população sobre o graffiti.

Transcrição de entrevista feita no dia 18 de junho as 14:20

Acssa: Eu acredito que o Graffiti é visto como Arte...

Porto: Com certeza.

Acssa: Mas... eu percebo que aqui em Guarabira, ele (o graffiti) não é valorizado enquanto Arte. Minha pesquisa trabalha com esta questão, ela discute o que seria arte, que a gente tem a ideia que a arte seria aquilo da antiguidade Clássica, da Europa...

Porto: Aham! Por que o que predomina aqui é que eles coloquem, em primeiro lugar, o pessoal da cultura, é aquela arte Naif...

Acssa: Isso...

Porto: Aquela ali ... ela atropela todas as artes... aí eu fiz um projeto, quando era o outro secretário da cultura, o Percinaldo, mó gente boa... esse secretário aí, o cara, já mandei os projetos, mas o cara nunca me respondeu, e assim, já respondeu, né? Negativamente, todas as vezes, aí eu parei de mandar, não mando mais não.

Acssa: Inclusive eu fui atrás dos seus projetos, e não consegui retorno de ninguém, eu fui em vários locais que são culturais e perguntava onde que eu consigo encontrar projetos de cultura? Os seus documentos, "Ah em tal canto!" aí eu ia em tal canto e mandava pra outro, pra outro e pra outro, até que terminei na prefeitura e eles informaram que se ninguém aprovou então foi pro lixo. Aí é fogo né, você não tem como acessar estes documentos porque os próprios servidores, eles não sabem onde que estão os documentos

Porto: Tô ligado, não guarda.

Acssa: É, isso, eu queria pra mostrar que de fato há uma procura...

Porto: Aham...

Acssa: Aí, nessa minha pesquisa, surgiu umas dúvidas e uma delas foi a questão da aceitação do graffiti na cidade...

Porto: Uhum.

Acssa: Como é que você percebe esta aceitação?

Porto: Não, a população é de boa, é tranquilo. Quando a gente fez lá o Beco do graffiti, todo mundo que viu achou muito legal, muito massa mesmo, eu acho que... que ... os que vêem essa questão, o que colocar e o que não colocar, vem mesmo lá de dentro da cultura, do pessoal que movimenta a cultura, sacou? Aí tipo, a é, aquele negócio, tipo, tem na mente que não vai agradar todo mundo, tá ligado, mas na verdade, a maioria das pessoas nem se importa, tipo é pô, a maioria das pessoas não se importa, ahh é graffiti, é pintura contemporânea, não sei o que, não o pessoal quer ver o lugar limpo e bonito e colorido, tá ligado. Independente do que seja, aí eu acho que a parte não... dos projetos não ser, não ser, como posso te dizer, absorvido... acho que não é a palavra certa, aceito, né, não ser aceito, já é tipo, porque tem um... uma parada lá, que tipo... isso é banca, isso não é, isso é marginalizado, isso aqui não é. Então não vamos colocar não, distribuir isso para sociedade não, tal.

Acssa: Eu vou dizer uma percepção minha, que eu vejo, ah, inclusive da arte Naif, aqui em Guarabira, ela é muito voltada para a tradicionalidade nordestina.

Porto: Exato!



Figura 10 – Beco do Graffiti localizado na rua Sabiniano Maia Foto: Acssa Pricilla.



Figura 11 – Beco do Graffiti lateral direita Foto: Acssa Pricilla.

Acssa: Eles (os gestores) sempre... As artes Naif que estão em exposição fixa é o que? As festas da nossa senhora da luz, é uma coisa assim de cangaceiros...

Porto: Uhum.

Acssa: Você não tem outros temas, que eu percebo que o graffiti aborda, por exemplo, quando eu fui no Beco do Graffiti, tinha ET's, palhaço, tinha pessoas...

Porto: É... Tinha o Frei Damião...

Acssa: Essa... inclusive eu achei lindo aquele Frei Damião.

Porto: Frei Damião, quem faz é o “Job Grafiteiro”, lá de Pirpirituba, ele é um ótimo grafiteiro, ele ganha a vida com isso.



Figura 12 – Frei Damião Foto: Acssa Pricilla.

Acssa: Em Pirpirituba tem uma empresa, do lado da Igreja que é toda grafitada a parede.

Porto: Provavelmente seja ele.

Acssa: O traço é parecido mesmo.

Porto: Aham, ele é muito bom.

Acssa: Aí eu percebo assim, como o graffiti tem essa variedade de assuntos, né, que não é só regionalismo, tem vários lá, naquele beco, naquele trem, naquele trem, como é que você entende essa escolha, por que, quando a gente fala graffiti, o pessoal entende, que é pra protestar alguma coisa...

Porto: Certo.

Acssa: E as vezes, eu acredito, que não seja...



Figura 13 – Trem na antiga Estação Foto: Acssa Pricilla.

Porto: Não... as vezes a pessoa só faz o desenho, porque acha bonito, tá ligado? O cara vai lá, eu preparo uma arte, uma arte que o cara acha legal muitos se expressam, tem uma galera que foca nesse lance de expressar sentimentos aí... é bem... bacana, mas tem um cara que grafito por prazer de colorir a cidade, acha legal ver a parada dele ali, de dia, tá ligado? Isso quando é, quando é, é.... ilegal. Porque as vezes o cara faz um graffiti e é ilegal fazer naquele local público. Se de repente a polícia pegar o cara, eles podem ir pro tribunal, e por...dano ao patrimônio, né isso?

Acssa: Depredação do patrimônio público.

Porto: É isso. Esse tipo de coisa, aí tem que pedir permissão, a maioria dos caras que grafita, hoje em dia tem que ter permissão, os caras não grafitam sem permissão, tá ligado, você vai na casa da pessoa, ou no muro do dono do lote, vai lá e pede antes, pra justamente evitar esse tipo de constrangimento...

Acssa: Mas essa petição ela é escrita ou ela é verbal?

Porto: Não, verbalmente, geralmente é um lugar de periferia, então, tá ligado, não precisa, se você for num centro da cidade, por exemplo, se você for pego assim, o cara acha que é pichação, é perigoso até do cara ir pra delegacia, num sei, eu não posso te dizer com certeza, até porque num sou daquele grafiteiro... tipo assim, eu trabalho com tatuagem, cê sabe, mas eu gosto de tá no meio dos grafiteiros, de tá no graffiti e fazer minha artes também, que faz parte do meu trabalho também, tá ligado? Mas é a questão de...se for central teria que pedir permissão, acho que de papel mesmo, a, a do beco do Grafitti por exemplo, teve que ter um projeto enorme, teve que pedir, é, é a Cultura, pedir Corpo de Bombeiro, Policia Militar esse tanto de burocracia pra cê vê.

Acssa: E aí, como foi esse momento pra você e pra sua galera.

Porto: Rapaz foi bom, massa, porque primeiro, o legal da parada é a união, cê unir um monte de gente naquele lugar, todo mundo com um intuito bacana, como se fosse uma confraternização, pelo menos eu tô falando o que eu achei, mas outras pessoas têm outra opinião, mais uma confraternização, uma coisa alegre, tá ligado? É... então muitas pessoas que tavam... às vezes, são pessoas que, sei lá... Oportunidade pra eles, sabe, abriu oportunidade, abriu a cabeça de algumas pessoas, dá a oportunidade de criança as vezes fazer um desenho ali, vê o cara espelhar aquilo e falar: "Caramba, isso aqui é muito legal." Saca, tipo você "eu vou ser isso quando crescer." É uma abertura de várias janelas e portas ali, sabe, além da coletividade da galera tá junto, tá pintando, um lugar depredado, sujo, que ninguém quer passar, no outro dia as pessoas tão passando e falando "Nossa! Fui lá no Beco do Grafitti! Que legal! Massa demais!" E ali as crianças cê bota pra interagir, é, é isso, união, paz, é... é... coisas boas, energias boas, tá ligado?

Acssa: Teve uma coisa que eu percebi, você falou aquele Beco do Graffiti, a rua atrás do teatro, que são ruas atrás de casas...

Porto: Uhum.

Acssa: geograficamente falando não é muito mais escondido do que o beco da Arte Naifi, que é atrás da Escola Objetivo...

Porto: Uhum.

Acssa: Certo, também é mais escondido do que aquela pequena praça que tinha o grafite de uma mulher, que pegava com a árvore e aquelas pessoas que estão lá, aqueles senhores.

Porto: Apagaram inclusive.

Acssa: Exato...

Porto: Eles foram do Marquinhos Perfect lá de João Pessoa... que fez, apagaram.

Acssa: Você escolher aquele beco, não te deram outra opção?

Porto: Não... eles... não foi escolha, foi... foi eles que enfiaram aquele beco em nós, (risos), mas foi de boa, a gente abraçou de boa, é um lugar que...é deste tipo de lugar que a gente procura, saca? A maioria das pessoas, a gente quer mesmo esse lugarzinho que ninguém quer ir, que todo mundo acha sujo e tal, e faz o negócio ficar bonito. Agora tá mais visível porque fizeram a ruazinha lá e tal, tão passando mais carro, Acho que se a gente conseguisse fazer outro ali ia ficar

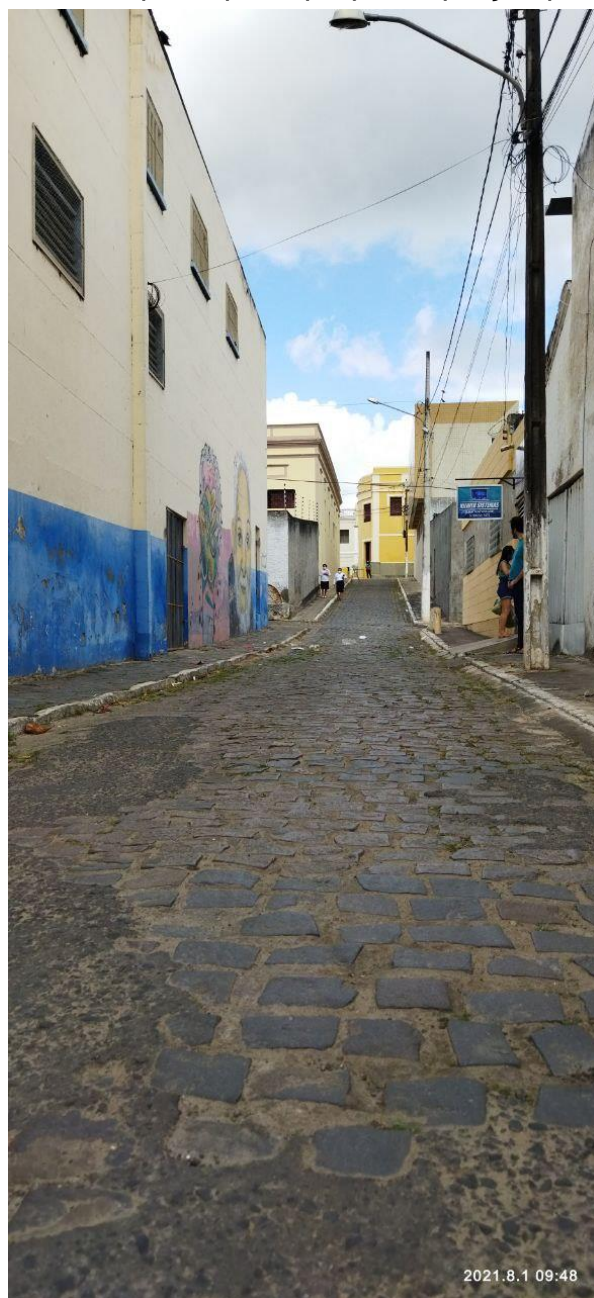


Figura 14 – Subida da rua Margarida M. Alves
Foto: Acssa Pricilla.

bacana. Foi bom e tudo, é, mas a gente usou um material que eles disponibilizaram, na verdade, não foi o material necessário pra esse tipo de arte né? eu não tenho que relamar do secretário da cultura da época, que ele ajudou bastante, mas a verba que foi disponibilizada não deu pra fazer o que a gente queria, tá ligado? Que era o spray próprio pra graffiti, tá ligado, que é contra o sol, resistente à água, sol, chuva, esse trem, então, tem uma durabilidade muito maior...

Acssa: Uhum...

Porto: Tem três anos que nós fez lá, tá tudo apagado já...

Acssa: Alguns muros até caíram, por que o reboco é ruim...

Porto: É, é sim... e também antes de fazer uma arte ali tem que ter um trato, tá ligado, nas paredes, os cara ir ali, meter um cimento nas paredes, tapar uns buracos, pro negocio ficar mais bonitinho, que o cara não vai fazer tudo, querendo ou não a galera foi pra pintar, não tem pedreiro lá veio...

Acssa: Não foi rebocar a parede pra fazer a pintura

Porto: (Gargalhando) Sacou?

Acssa: Você já foi renovar...



Figura 15 – Beco do Graffiti “Moça da Entrada” Foto Acssa Pricilla.

Porto: Exato! E os caras é tão inteligente, que os caras usa os próprios buraco, os cara montou desenho os buracos.

Acssa: É, tem uns que aproveita o ambiente...

Porto: Tem um sapo lá, com a boca aberta que aproveita o buraco do tijolo...

Acssa: Acho que uma das características do graffiti é de aproveitar o local que ele está sendo feito.

Porto: É, exatamente!

Acssa: Tem um lá que é um alienígena e é o cano de água que sai, eu tirei a foto...

Porto: Ahan...(risos)

Acssa: Ai eu falei, “pia mesmo” e tem outro que é uma porta velha...como se fosse uma porta da Alice, uma porta pra algum canto, eu levei uma amiga minha e ela ficou encantada.

Porto: aham... Ai que legal...

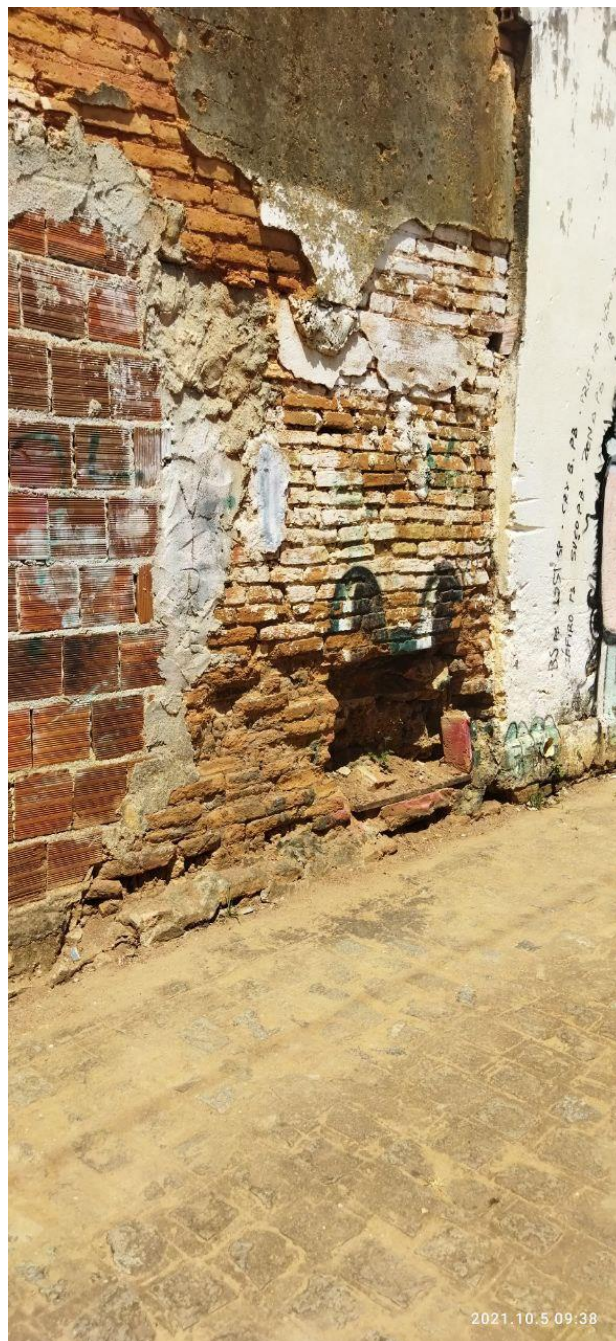


Figura 16 – Beco do Graffiti “Boca de Sapo no buraco” Foto: Acssa Pricilla.



Figura 17 – Beco do Graffiti “A Porta de Jogos”
Foto: Acssa Pricilla.



Figura 18 – Beco do Graffiti "Fiz com meu filho
essa aí" Foto: Acssa Pricilla.

Considerações Finais

O ideal de Arte que permeia a nossa sociedade restringe manifestações artísticas que estão fora da curva da aceitação de uma minoria dominante. Esta minoria apregoa que a Arte é um produto que deve ser controlado e consumido com a finalidade de obtenção de renda para as mais diferentes autarquias, que delimita o que é ou não arte e o que está ou não dentro do escopo de aceitação da beleza e que, por fim, possa ser repassado para a população, criando assim uma delimitação do que eles gostam ou não.

Durante a pesquisa reforcei minha convicção que a arte é um movimento de apreciação de subjetividades que são expostas ao público. Elas assumem caráter de discordância do meio em que é produzida e das mazelas sociais, todavia, a Arte também é uma livre expressão do sentir, que flui do objeto artístico e do seu criador para ser apreciado pelos seus receptores. Nesse trabalho pude observar ambas as características descritas e também como elas são vivenciadas pelas pessoas, tanto as que produzem quanto as que as consomem. Também entendi quando Da Mata afirma que os textos de antropologia são engessados em dois mundos, alguns que li foram tediosos enquanto a grande maioria, que está elencada nas minhas referências, eram fluidos e interessantes, pareciam ótimas narrativas sobre como etnógrafar a cidade e a arte na cidade. Escrever é um trabalho difícil, você não escreve apenas para você, existem os outros, aquele que vai ler, seja ele um doutor ou um aluno, um pesquisador ou apenas alguém que fez parte da pesquisa como interlocutor, e por isso é importante que o texto seja acessível para todos. Esse é o desafio, creio eu, da antropologia, cativar para além das fronteiras acadêmicas, se fazer entender para um público mais amplo.

Posso concluir, lembrando que existe muito a ser discutido nesse campo entre a Arte e a Antropologia, um campo vasto sobre o qual infelizmente não pude me aprofundar muito, gostaria de ter lido mais, falado mais com meus interlocutores, ter tido mais contato com cada arte que existe não só na minha cidade, mas nas cercanias, nas cidades vizinhas, mas não foi possível. Todavia, considero que isso também é parte do processo de etnógrafar, o planejamento e a execução são campos diferentes com resultados que fogem do controle do pesquisador.

Eu quero mais, posso mais, mas não agora e o campo te ensina isso. Ensina teus limites e que os teus planos nem sempre são apenas seus, dependemos de fatores externos, de humores dos outros, dos nossos próprios humores, de aceitações e rejeições. A conclusão que posso chegar é que ainda existem vários mundos, em infinitos universos no campo da pesquisa que me propus a conhecer e possivelmente eu não tenha muitas ferramentas, dificilmente tenho experiência necessária para levá-los à frente. Reconheço que me falta maturidade para tal trabalho e aspirações do meu ego, mas não sei, quem sabe eu possa ter aberto mais uma fresta na porta que leva a esse conhecimento, o que posso com certeza afirmar é que eu quero mais.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Lara Santos De. Cenas de uma revolta urbana: movimento hip hop na periferia de Brasília. 1997. XXI Encontro Anual da ANPOCS.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson (Org.). A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. A Arte urbana entre ambientes: “dobras” entre a cidade “material” e o ciberespaço. Etnográfica, Lisboa, v. 19, n. 3, p. 537-556, out. 2015. in <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21362> site acesso em: 08. 05. 2021 às 21:00hs

EAGLETON, Terry. 1993. A Ideologia da Estética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Capítulo 1 (pp. 17- 28) e Capítulo 3 (pp. 55-77).

FRUGOLI Jr., Heitor. “O urbano em questão: Interfaces com a sociologia,” in: Revista de antropologia, vol. 48, n1. São Paulo. Jan/ jun. 2005.

GEERTZ, C. A arte como um sistema cultural. In: GEERTZ, C. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008c. p. 142-181.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1973]. A interpretação das culturas . Rio de Janeiro:Gen/LTC. (Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura – p.3-21; Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa , p. 185-213).

GITAHY, Celso. O que é graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999

JUNIOR, Oswaldo Giovannini. Cumbuca.org.br, uma experiência antropológica? Imagens da Cultura, Cultura das Imagens. 2014.

LAYTON, Robert. 1991. The Anthropology of Art. Cambridge: Cambridge University Press. Second Edition. Chapter 1 “The art of other cultures”. Pp. 1-41.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. Revista Tempo Social – USP. V, 15, n. 01 – 05. Abr/2003. Pp. 81 – 95.

NUNES, Luiz Diego Barbosa Nunes. O belo em Schopenhauer. Fortaleza – CE – Volume 6 – Nº 2 - 2º Semestre de 2017

RAMOS, Célia Maria Antonacci. Graffiti, pichação & cia. São Paulo: ANNABLUME, 1994

ROCHA, Ana Luiza da; ECKERT, Cornélia. Etnografia de Rua: Estudos de Antropologia Urbana. Porto Alegre: UFRGS, 2013.